

ARTIGO | *PAPER*

## **INTERAÇÕES HÍBRIDAS E ABORDAGEM GEOARQUEOLÓGICA: PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES NO PARQUE NACIONAL DAS SEMPRE-VIVAS**

HYBRID INTERACTIONS AND GEOARCHAEOLOGICAL APPROACH:  
FIRST APPROACHES IN THE SEMPRE-VIVAS NATIONAL PARK

Valdinêy Amaral Leite <sup>a</sup>  
Bernardo Machado Gontijo <sup>b</sup>

<sup>a</sup> Mestre em Arqueologia pela Universidade Federal de Minas Gerais e doutorando em Geografia pelo Instituto de Geociências – IGC/UFMG. E-mail: valdineyal@msn.com

<sup>b</sup> Doutorado em Desenvolvimento Sustentável pela Universidade de Brasília e docente do Instituto de Geociências da Universidade Federal de Minas Gerais - IGC/UFMG. E-mail: gontijob9@gmail.com

## RESUMO

Este artigo tem como objetivo apresentar a pesquisa arqueológica intitulada “Estudo geoarqueológico no Parque Nacional das Sempre-Vivas: sítios arqueológicos como elementos constitutivos dos Lugares, Paisagens e Territórios” e propor discussões científicas sobre a compreensão de que os abrigos são locais de "Interações Híbridas". Pioneira no parque, a pesquisa utilizou uma metodologia baseada em revisões bibliográficas, atividades de campo e trabalho de escritório, resultando no registro de onze sítios arqueológicos, escavações e coleta de diversos vestígios para análises físico-químicas e de curadoria. Os resultados indicam que os abrigos arqueológicos são elementos constitutivos dos Lugares, das Paisagens e dos Territórios por meio das interações híbridas ocorridas ao longo do tempo.

## PALAVRAS-CHAVE

Geoarqueologia, Interações Híbridas, Sítios Arqueológicos, Unidade de Conservação, Gestão Ambiental.

---

## ABSTRACT

This article aims to present the archaeological research titled “Geoarchaeological Study in Sempre-Vivas’s National Park: archaeological sites as Places, Landscapes, and Territories’s constitutive elements ” and propose scientific discussions on the understanding that shelters are "Hybrid Interactions" sites. Pioneering in park, the research utilized a methodology based on bibliographic reviews, field activities, and office work, resulting in recording of eleven archaeological sites, excavations and collection of various artifacts for physicochemical and curation analyses. The results indicate that archaeological shelters are Places, Landscapes, and Territories’s constitutive elements through the hybrid interactions that have occurred over time.

## KEYWORDS

Geoarchaeology, Hybrid Interactions, Archaeological Sites, Conservation Units, Environmental Management.

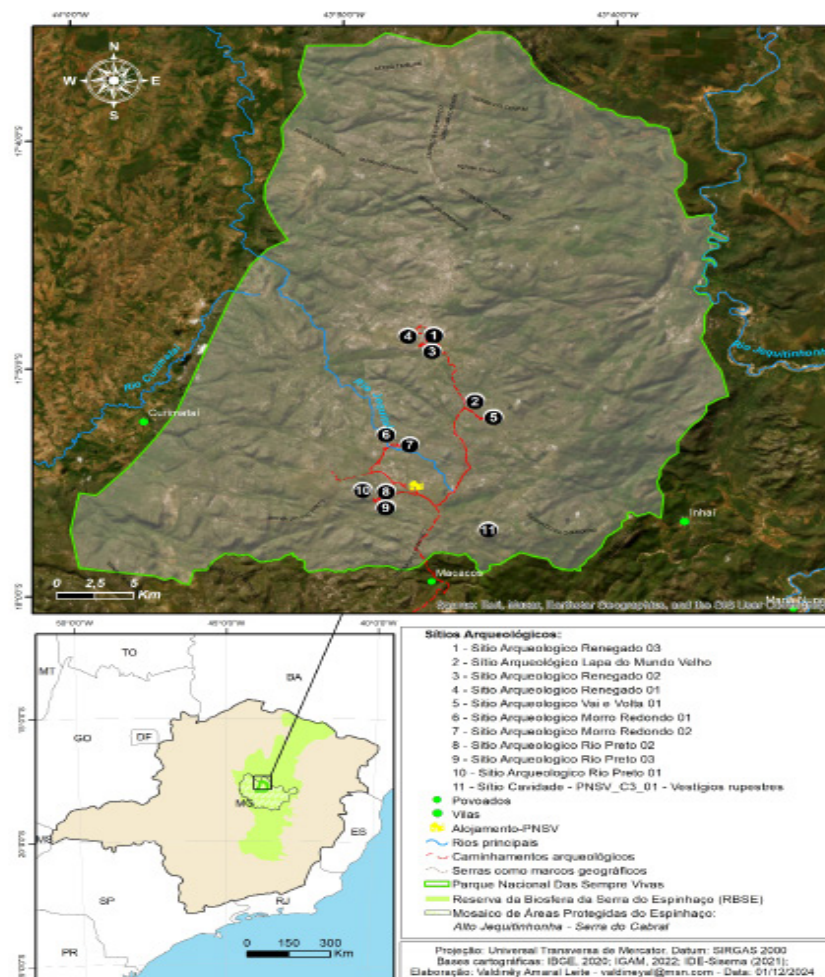
## COMO CITAR ESTE ARTIGO

LEITE, Valdinêy Amaral; GONTIJO, Bernardo Machado. Interações Híbridas e abordagem Geoarqueológica: primeiras aproximações no Parque Nacional das Sempre-Vivas. Cadernos do Lepaarq, v. XXII, n. 43, p. 110-127, Jan-Jun, 2025.

## Introdução

Este artigo é resultado da pesquisa de doutoramento intitulada “*Estudo geoarqueológico no Parque Nacional das Sempre-Vivas: sítios arqueológicos como elementos constitutivos dos Lugares, Paisagens e Territórios*”<sup>1</sup>. O estudo está sendo desenvolvido na área central do Mosaico de Áreas Protegidas do Espinhaço: Alto Jequitinhonha - Serra do Cabral, e naturalmente, dentro da Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço.

Conforme dados do Plano de Manejo (2018, p.16), o Parque Nacional das Sempre-Vivas – PNSV abrange cerca de 124.156 hectares de área na porção meridional da Serra do Espinhaço. Localizado em Minas Gerais, ocupa 9,84% no município de Bocaiúva, 20,79% de Buenópolis, 18,61% de Diamantina e 5,18% em Olhos d’Água (**FIGURA 01**).



**Figura 1:** Mapa de Localização do Parque Nacional das Sempre vivas e dos sítios Arqueológicos.

<sup>1</sup> A partir de 2023, esta pesquisa se une ao projeto “Investigando o Patrimônio Espeleológico no Mosaico do Espinhaço”, com o objetivo de aprofundar e compartilhar o conhecimento sobre o Patrimônio Espeleológico e Arqueológico no Parque Nacional das Sempre-Vivas (PNSV) e no Parque Estadual da Serra do Cabral (PESC). Por meio desta ação conjunta, o PNSV pleiteou recursos por meio do Edital de Chamada Pública Nº 02/2023, Item XX da Cláusula Segunda do TCCE nº 1/2022/ICMBio, que estão sendo investidos nesta e em outras pesquisas, além da infraestrutura básica para visitação no PNSV

Predomina o bioma cerrado com substratos característicos, mas, também se encontram áreas de campo rupestre e campo cerrado (SILVA & SILVA, 2016, p. 394). Em termos climáticos, a classificação de Köppen-Geiger, versão detalhada de Alvares, Stape, Sentelhas, Gonçalves e Sparovek (2013), demonstra que o parque está em áreas classificadas como de clima Cwb (clima temperado úmido com inverno seco e verão temperado) e na porção leste e oeste caracterizados pelo clima Cwa (clima temperado úmido com inverno seco e verão quente).

Essa região é caracterizada por diversas rugosidades (SANTOS, 2012, p.140) resultantes de ocupações que vão desde contextos pré-coloniais e históricos até os usos tradicionais atuais. Essas rugosidades estão materializadas em antigos caminhos e trilhas, como trechos da Estrada Real e a Trilha Transespinhaço. Nos marcos geográficos de referência, como o Pico do Itambé, ou nos abrigos e paredões, nos deparamos com vestígios rupestres, escritos alfanuméricos antigos e recentes, e objetos domésticos como fragmentos de louças, metais e vidros. Além disso, há os alinhamentos de blocos rochosos formando fornalhas e pequenos muros, entre outros elementos. De forma oportunística ou sazonal, e às vezes simultânea, nos mesmos abrigos onde se evidenciam vestígios de ocupação pré-colonial, encontram-se camadas de outros contextos associados às atividades garimpeiras iniciadas no século XVIII, com a extração de ouro, diamante e, mais recentemente, do mineral quartzo (**FIGURA 02**).



**Figura 2:** Sítio Arqueológico Renegado 01. Fonte: Leite, 2022. Fotos: Valdinêy Leite, 2024.

Essas características não são exclusivas do Sempre-Vivas. Em um raio de menos de 80 km do parque, um diagnóstico realizado por Baeta e Piló (2013, p. 01) em unidades de conservação estaduais—Parque Estadual do Pico do Itambé (PEPI), Parque Estadual do Rio Preto (PERP) e Parque Estadual de Biribiri (PEB)—notou indícios de sucessivas ocupações humanas oriundas dos períodos pré-colonial e histórico nos abrigos.

Nestas serras, após atividade garimpeira, a criação de gado se consolidou de maneira extensiva, aproveitando oportunisticamente os recursos hídricos e vegetacionais disponíveis. Atividade semelhante foi descrita por Pangaio e Seda (2016, págs. 37-41) na região do Parque Estadual Serra do Cabral, situado a oeste, em um raio de menos de 70km. Nesse contexto, abrigos passaram a ser usados por boiadeiros e, atualmente, por caçadores e catadores de sempre-vivas, servindo como depósitos temporários, locais de pernoite e, ocasionalmente, moradias prolongadas.

Nas últimas três décadas, por exemplo, a região vem se tornando área de diversos interesses e novos arranjos regionais, às vezes ordenados e na maioria das vezes, desordenados. Há o interesse do poder público, por meio da criação e consolidação das Unidades de Conservação – UC's<sup>2</sup>; há interesses do meio privado, com destaque para as mineradoras de pedras ornamentais ou diamante; há também o interesse do setor turístico, por conter paisagens cênicas de interesse nacional e internacional.

Diante desse contexto, ao visitarmos os abrigos conhecidos localmente por “lapas”, nos deparamos com uma diversidade de materialidade de múltiplos contextos de ocupações e uso desses lugares, além disso, uma historicidade latente aos ouvidos, narradas por pessoas que têm fortes relações com esses lugares. Neste cenário, com abordagem pioneira, essa pesquisa encontrou seu propósito. Optou-se por não fazer distinção de contextos temporais das ocupações e uso dos abrigos; isso não significa que são iguais, mas sim, que ambos têm a mesma importância dentro deste estudo. Ou seja, guardando as devidas proporções, a atenção dada aos vestígios pré-coloniais, os vestígios dos últimos séculos e os contemporâneos é a mesma. Afinal, todos os vestígios, independentes da profundidade temporal, nos abrem pequenas “janelas” para as possíveis atividades humanas ocorridas nos abrigos. Em sua máxima relevância, todos esses elementos fazem parte e são o próprio sítio arqueológico em ação, combinando atributos dos diferentes contextos **(FIGURA 03)**.



**Figura 3:** Paisagem no PNSV, vista de onde estamos pensando. Foto: Valdinêy Leite, 2024.

<sup>2</sup> Ver a Lei 9.985/2000 do Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza – SNUC.

Neste contexto, este artigo apresenta resultados preliminares e levanta questões reflexivas sobre a compreensão dos abrigos como locais de "Interações Híbridas". Além disso, busca-se promover discussões construtivas com gestores de Unidades de Conservação sobre a gestão, proteção e a conservação dos sítios arqueológicos nos parques.

### **Pesquisa arqueológica no Parque Nacional das Sempre-Vivas, dando “rumos” para a prosa**

Ao reconhecer os abrigos como espaços de múltiplas interações, delineou-se o objetivo geral desta pesquisa: compreender como o abrigo é constituído por interações híbridas que constroem paisagens, lugares e territórios ao longo do Tempo. Para isso, são consideradas a análise dos vestígios arqueológicos (pré-coloniais, históricos e contemporâneos) e a contextualização dos processos geoarqueológicos em macro e microescala. Com esse embasamento, busca-se deduzir os diferentes modos de ocupação desses lugares ao longo do tempo.

De imediato, entende-se que as interações híbridas são resultado das ações sinérgicas, tanto naturais quanto humanas, que ocorrem em diferentes escalas temporais e espaciais nos abrigos. Essas interações englobam processos geológicos, biológicos e culturais que, em conjunto, moldam as características específicas dos sítios arqueológicos. Em outras palavras, são as múltiplas influências e dinâmicas que contribuem para a formação e evolução desses locais ao longo do tempo.

E por sítio arqueológico, no contexto desta discussão, compreende-se os abrigos com vestígios da presença e ocupação humana, abrangendo desde os períodos mais remotos até os mais recentes. Esses abrigos foram e continuam sendo ocupados por diferentes grupos e em diferentes períodos, com variações de intensidade. Isso contribui para a criação de um contexto arqueológico complexo e diversificado, tanto em termos dos vestígios encontrados, quanto em termos dos processos de formação e dinâmica desses abrigos.

Os vestígios arqueológicos referem-se a todos os elementos físicos e químicos que indicam a presença humana. De acordo com Prous (2019, p. 43), alguns desses vestígios são macroscópicos, enquanto outros são microscópicos. No contexto do parque, os vestígios encontram-se nos abrigos, distribuídos no teto, paredes, superfície e subsuperfície, e “constituem a unidade básica de análise, que sublinha a dimensão continuada do espaço arqueológico” (VILLAFANEZ, 2011, p. 141).

Ampliando a noção e o detalhamento dos vestígios arqueológicos, mesmo aqueles considerados macroscópicos possuem elementos que requerem análise minuciosa. Por exemplo, os sedimentos, com suas propriedades físicas e químicas (microscópicas ou não), atestam atividades humanas específicas em determinados períodos e locais por meio de seus impactos no ambiente (TRIGGER, 2004, p. 19). Essas evidências nos sedimentos adquirem o status de vestígio arqueológico, fornecendo um contexto que preserva as assinaturas físicas e químicas de origem antrópica (MORAIS, 1999, p. 06-07).

Para tais análises, empregam-se sinergicamente técnicas e metodologias específicas da Geoarqueologia, buscando combinar atributos da geologia, geografia física e arqueologia (KLUIVING; ENGEL; HEYVAERT & HOWARD, 2015, p. 01). A Geoarqueologia, portanto, contextualiza vestígios arqueológicos e aprimora a resolução das cronologias (COLTRINARI, 2008, p. 15). Na perspectiva de Rubin, Souza, Bayer, Silva e Barberi (2020),

Essa abordagem atem-se para as redes constituídas entre diferentes agentes – pessoas, animais, coisas, objetos, buscando explorar suas associações. Nesse tipo de entendimento, os mundos natural e social são vistos como envolvidos em redes dinâmicas e mutáveis de relações. Assim, permitem que as complexidades de ordem ambiental e cultural possam ser mais bem integradas, problematizadas e interpretadas (RUBIN DE RUBIN; SOUZA; BAYER; SILVA; BARBERI, 2020, p. 96).

A integração da análise dos processos endógenos e exógenos corrobora o entendimento das "constituições recíprocas, essencialmente híbridas" (SOUZA e RUBIN DE RUBIN, 2020, p. 05). Isto é, os resultados das ações humanas em sinergia com os processos naturais nos abrigos (físico, biológico e químico) são entendidos como processos geoarqueológicos.

Essa compreensão facilita a identificação dos possíveis cenários antes, durante e após a ocupação humana, bem como dos contextos sobrepostos que se desenvolvem na formação do registro arqueológico no espaço e no tempo. Nesse sentido, considera-se a dinâmica dos fatores relacionados com a história geológica de deposição, erosão e estabilidade (VIDAL, 2019, p. 49), além dos fatores pós-deposicionais, que podem ter interferido nos padrões de dispersão e acumulação dos vestígios observados.

No tempo presente, nos deparamos com vestígios arqueológicos, paisagens e organizações sociais resultantes de diferentes transformações ao longo do tempo e processos, conforme suas complexidades. Mesmo com "ruídos", esses vestígios nos permitem acessar dimensões históricas e compreender como as mudanças ocorreram e ocorrem ao longo do tempo. Por meio da análise minuciosa desses vestígios e dos processos geoarqueológicos, é possível extrair informações que ajudam a compreender recorrências, padrões, mudanças e, sobretudo, "avaliar paisagens arqueológicas, compará-las e ancorar inferências sobre mobilidade e utilização do espaço" (BELARDI, 2005, p.36).

Em síntese, a localização e a disposição desses vestígios (pré-coloniais, históricos e contemporâneos) interagem neste cenário, compartilhando diversos atributos geográficos. Embora entre um contexto temporal e outro possa haver pouca ou nenhuma comunicação direta (ex.: pré-colonial e contemporâneos), as escolhas de certos abrigos, o uso e as atividades realizadas permitem a construção de paisagens e territórios, conferindo sentido a esses Lugares. Isso fica evidente pelo pouco que ouvimos da historicidade local ao tratar dos critérios de escolhas dos abrigos. Embora vários atributos geoambientais e culturais sejam compartilhados entre esses sítios, segundo Prous (2006, p. 13), cada sítio deve ser abordado de maneira específica, já que

nenhum deles apresenta uma visão completa da ocupação do território.

### **Discutir e escolher conceitos, uma prosa essencial para compreender as interações híbridas nos abrigos**

Parte-se da premissa de que o espaço é “uma das dimensões existenciais fundamentais do ser humano e, como tal, o seu plano vivencial” (NAVARRO, 2007, p.03) e que, a partir desse plano, se torna “um produto da ação humana, portanto não é uma realidade dada ou pré-existente, mas produzida socialmente e, como tal, também historicamente” (VILLAFANEZ, 2011, p. 148). Logo, o espaço como produto social é onde ocorrem as práticas sociais e as criações e reproduções das sociedades, sendo “um objeto complexo e multifacetado: é o que a sociedade materialmente cria e recria [...] no qual indivíduos, grupos sociais, instituições e relações sociais operam com suas próprias representações e projetos” (ORTEGA, 2004, págs. 33-34).

O tempo é variável crucial em nosso estudo, uma vez que é fator que possibilita todas as conexões e interações culturais, biológicas, químicas e físicas, inclusive a compreensão do mundo e do espaço como objeto físico e mental (ORTEGA, 2004, págs. 33-34), e, no caso da área de estudo, é o que nos permitirá distinguir e, simultaneamente, considerar as interações entre as diferentes vivências que geraram o registro arqueológico que hoje encontramos nos abrigos. As ações humanas desenvolvidas envolvem questões complexas quanto à organização deste espaço, bem como incluindo múltiplas e, por vezes, recíprocas modificações e transformações oriundas dos diferentes modos de estar e viver o/no espaço. Nesse sentido, “o espaço não é na realidade um conceito cartesiano neutro, mas é socialmente construído” (PELLINI, 2007).

Assim, tendo em vista as diferentes formas de estar, viver e compreender o espaço ao longo do tempo, especialmente nas áreas abrigadas do Parque Nacional das Sempre-Vivas, opta-se por abordagens transdisciplinares e interdisciplinares para entender esse espaço (social, geográfico e arqueológico) a partir da análise da diversidade dos vestígios materiais presentes nos abrigos, tanto em superfície quanto em subsuperfície, numa perspectiva ampla e contínua, “a exemplo da própria sociedade que lhe dá vida (...) um conjunto de funções e formas que se apresentam por processos do passado e do presente” (SANTOS, 1978, p. 122).

O processo de construção e entendimento do espaço, seja pelo viés concebido, percebido e subjetivo, transcorre no tempo por meio das relações diacrônicas e sincrônicas. Esse transcorrer do tempo permitiu e permite a formação e o estudo dos registros arqueológicos de contextos tanto antigos quanto recentes, fruto de diferentes processos, fenômenos em diferentes escalas. Portanto, “é a passagem do tempo que transforma o objeto ou feição em vestígio arqueológico, tal como o leva ao seu abandono e sedimentação” (HISSA, 2016, p.195).

Por meio desses cenários, o tempo é agência que permite a formação, manutenção e transformação dos contextos sistêmicos em contextos arqueológicos (SCHIFFER, 1972, p. 157). Um exemplo dessa possibilidade está na análise da estratigrafia e dos processos de sedimentação que, segundo Hissa (2016), são como uma metáfora da passagem do tempo.



Além da estratigrafia, outros elementos nos estudos arqueológicos também enfocam a questão do tempo, como as análises cronoestilísticas dos vestígios rupestres, datações absolutas ou relativas. Para contextos mais recentes, a oralidade e documentos históricos podem fornecer informações sobre quando e como ocorreram as ocupações nos abrigos e nas paisagens do Sempre-Vivas.

Neste contexto, o aprofundamento das análises espaciais, culturais e temporais são fundamentais para compreender as possíveis dinâmicas que ocorreram e ocorrem nos abrigos estudados. A categoria de análise de "Lugar" da Geografia, aplicada aos contextos em questão, ganha relevância ao considerar as relações e ligações subjetivas estabelecidas entre o sujeito e o espaço (COSTA e ROCHA, 2010, p. 52).

Nesse sentido, o lugar é "percebido e experimentado ao longo do tempo, um alicerce importante para a construção da memória social ou mesmo das diferentes ontologias sobre o mundo" (FAGUNDES, BANDEIRA & GRECO, 2018, p. 747). Os atos da vida, especialmente os repetitivos, implicam certas localizações de formas, signos, valores e representações, criando lugares (FRE-MÓNT, 1980 apud SUESS e RIBEIRO, 2017, p.07).

Nesta altura da prosa, fazemos uma importante ponderação com relação à aplicação da categoria de Lugar para o contexto dos povos indígenas antigos. Reforço, são inferências, sobretudo, ao entender os abrigos como lugares e qualificá-los sob as nossas perspectivas. Embora essas inferências sejam embasadas em diversos elementos mapeados como o de implantação dos sítios arqueológicos na Paisagem, disposição dos vestígios no espaço, análise dos atributos técnicos e culturais compartilhados entre os diversos vestígios, aqui, não se diz o que é ou significa o lugar para os povos originários, pioneiros destas Serras. Não tivemos contato direto com os sujeitos autores dos vestígios e muito menos os possíveis valores ou referências que atribuíram para cada abrigo (Lugar). O que temos são vestígios que nos abrem 'pequenas janelas', as quais nos permitem "emergir no processo de reconstrução e interpretação do passado das pessoas" (ZEDEÑO e BOWSER 2009, p. 01).

As práticas sociais de construção de lugares são multiescalares, multitemporais e não são lineares. As pessoas criam lugares através de suas experiências com o meio, atribuindo significados e produzindo conhecimento sobre eles (SILVA, 2013, p. 31). Essas experiências são formadas pela "percepção, atitude, valor e visão do mundo, [...] elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico" (TUAN, 1980, págs. 04-05). Esses lugares abrigam um mundo de significados e sensações próprias e alheias (VILLAFANEZ, 2011, p. 142).

Ao caminhar entre os abrigos, afloramentos rochosos e vales de drenagens perenes e intermitentes, observam-se vestígios e marcas de usos contínuos do espaço (grafismos rupestres, líticos, garimpo, talos de coleta de sempre-vivas, caça, habitação, escritos alfanuméricos, entre outros), decorrentes de ocupações de povos originários antigos e de comunidades tradicionais mais recentes. Essas recorrências arqueológicas configuram territórios que se sobrepõem e compartilham atributos geográficos no tempo e no espaço. Diante dessas perspectivas, o conceito de território é abordado como uma coexistência entre contextos arqueológicos e geográficos, de

maneira sinérgica ou não, mas contínua, permitindo diferenciar diversos territórios, paleoterritórios e territorialidades.

Ao considerar as configurações já existentes e as novas consolidações de territórios, especialmente no caso do território desta Unidade de Conservação - UC e das demais na região, observam-se na atualidade conflitos nas relações de territorialidades com o que havia previamente sido estabelecido pelos moradores locais, por exemplo. Neste viés, os limites territoriais da UC representam nova realidade de especialização do uso espacial, "...sejam elas originalmente naturais ou culturais, ou provenham de intervenções políticas e técnicas - significam uma verdadeira redescoberta da Natureza ou pelo menos uma revalorização total, na qual cada parte, isto é, cada lugar, recebe um novo papel, ganha um novo valor" (SANTOS 1988, p.11).

A configuração de um território expressa profundas relações e interações que as pessoas dessas comunidades estabelecem com o espaço, relações essas históricas, geográficas e diárias, possibilitando a identidade territorial (SAQUET, 2009, p.08; FERREIRA, 2014, p. 119), - "uma expressão espaço-temporal, relacionada com um espaço apropriado - território produzido - e o aspecto histórico dessa ocupação" (SARTORIO & FRANZ, 2023, p.60).

Por meio das recorrências e usos contínuos do espaço, territórios se sobrepõem ao longo do tempo. Isso fica evidente ao examinarmos os abrigos e paredes rochosas do parque. Inicialmente, encontram-se vestígios dos povos originários, materializados em grafismos rupestres, líticos e outros vestígios que nos permitem inferir sobre diferentes possibilidades de configuração dos territórios. Para Ribeiro (2006), ao examinar estilos, morfologias e técnicas dos grafismos, é possível delinear ou construir um território.

Nas palavras de Isnardis (2009, p. 34), estudos que combinem minúcias tecnológicas da noção de cadeia operatória com a compreensão sistêmica poderiam discutir as relações entre diferentes sítios, elaborar explicações sobre funcionalidade, padrões de assentamento e exploração de territórios. Neste viés, ao buscarmos semelhanças e dessemelhanças entre sítios, pode-se refletir como os territórios se estruturam, sobre como os lugares se articulam, se significam, se integram (ISNARDIS, 2019, p. 413).

A possibilidade analítica de mapeamento de territórios por meios dos vestígios arqueológicos é uma ideia bastante consolidada na Arqueologia, embora, cada grupo possua critérios próprios para organização ou definição de territorialidades, conforme suas estratégias simbólicas e de recursos. Estou convencido, conforme também colocado por Hissa (2022, p. 165), ao propor análise espacial dos sítios e vestígios circundantes (ainda que distantes) e as largas distâncias que poderiam ser percorridas, que se pode imaginar um espaço em movimento e esboçar territórios. E que tais critérios vão influenciar na "[...] distribuição dos artefatos na paisagem e posterior interpretação, sendo avaliados, por meio do parâmetro de densidade, isto é, as relações de concentração/dispersão e presença/ausência dos objetos arqueológicos no espaço [...]" (VILLAFANEZ, 2011, p. 141).

Diante destas interações híbridas, paisagens também são construídas (KNAPP & ASHMORE, 1999; ANTROP, 2003; LINKE, 2008; FAGUNDES & PIUZANA, 2010; FAGUNDES, GRECO, BANDEI-

RA & ARCURI, 2021). A noção de paisagem construída vai além da percepção dos lugares materialmente notados. Assim, conforme proposto por Ucko (1994) apud Knapp e Ashmore (1999, p.01) a paisagem é uma construção humana, seja por meio de “atribuições mitológicas” ou ações físicas.

Nos vales e campos do parque, os abrigos são escolhidos em detrimento de outros em diferentes momentos, conforme revelam diversos relatos e vestígios (pré-coloniais, históricos e contemporâneos), acredita-se que as atividades humanas são “ao mesmo tempo, materiais e simbólicas, sendo produção, representação e comunicação” (FAGUNDES, BANDEIRA & GRECO, 2018, p. 757).

Nesse sentido, busca-se compreender a paisagem como “um fenômeno e constructo da nossa própria atividade sensorial global, e não apenas como algo dado ou como cenário alheio às percepções humanas” (VILLAFANEZ, 2011, p. 142). Trata-se de perceber as formas de apropriação e relações das pessoas com a paisagem (RUBIN de RUBIN, SOUZA, BAYER, SILVA & BARBERI, 2020, p. 83). Nas paisagens, memórias, identidades, ordens sociais e transformações são construídas, experienciadas, reinventadas e modificadas (KNAPP & ASHMORE, 1999; ISNARDIS, 2004).

A paisagem é multidimensional (temporal, espacial, física, cultural) e deve ser analisada de forma holística e sistêmica. Corroboram esse pensamento Fagundes, Greco, Bandeira & Arcuri (2021, p.80), ao entenderem que a paisagem é o resultado da produção e expressão humana composta de múltiplas camadas de significados, onde produtores e/ou detentores dos signos que a compõem identificam experiências, ideias e materializações.

Diante desse contexto, muitas questões surgiram e continuam a surgir. Entre elas, questiona-se: - qual seria a melhor forma de trabalhar sinergicamente as categorias e conceitos da Geografia, Arqueologia e das Geociências de modo a compreender as interações híbridas nos abrigos. Propomos, então, inspirados nos diversos vestígios e dinâmicas ocorridas no mesmo abrigo, trabalhar com essas categorias e conceitos de forma híbrida e em movimento a partir do viés da transdisciplinaridade e interdisciplinaridade, com enfoque multiescalar e multitemporal.

## RESULTADOS

### *Os sítios e a Paisagem*

As análises geoarqueológicas (macroescala) demonstram que os sítios estão em áreas de litologia associada às formações Galho do Miguel e Sopa-Brumadinho (**FIGURA 04**). A área do parque apresenta diversas condições estruturais, como falhas E-W, acamamentos horizontais, sinclinais, anticlinais, mergulhos e zonas de contato

Essas características resultam em fraturas, cisalhamentos e deformações rúpteis das rochas, aliadas à ação dos elementos químicos e biológicos, contribuem para a diversidade morfológica e de desenvolvimento dos abrigos e das cavidades no parque.

O relevo é caracterizado por topos homogêneos de forma convexa, enquanto os pediplanos apresentam superfícies planas ou suavemente inclinadas ao redor das serras. Os terraços

fluviais estão situados na região leste, nas proximidades do Rio Jequitinhonha.



**Figura 4:** Aspectos geológicos e o afloramento rochoso onde se localiza os sítios Arqueológicos Morro Redondo 01 e 2. Fonte: Leite, 2022.

As altitudes no parque variam consideravelmente, com as maiores elevações superando os 1.500 metros e as áreas mais baixas situando-se em torno de 600 metros. Os sítios arqueológicos até o momento conhecidos encontram-se em altitudes entre 1.200 e 1.400 metros. O parque está no interflúvio das bacias hidrográficas do Rio Jequitinhonha e do Rio São Francisco, uma riqueza hídrica que permite que todos os sítios estejam próximos às drenagens e sub-bacias de regime perene. Em termos pedológicos, predominam os neossolos litólicos distróficos típicos, neossolos quartzarênicos órticos e hidromórficos (SILVA, 2005).

Este cenário é resultado das complexas interações geológicas e dos processos erosivos que atuaram ao longo do tempo, moldando um relevo que define as características do parque e influência na biodiversidade e nos ecossistemas atuais. A compreensão detalhada dessas dinâmicas é essencial para os estudos arqueológicos, bem como para a proposição de medidas de conservação e manejo adequado, assegurando assim a preservação dos sítios arqueológicos.

### *A Pesquisa arqueológica no Parque Nacional das Sempre-Vivas<sup>3</sup>*

A maioria dos sítios foi descoberta graças ao conhecimento dos moradores locais, especialmente dos brigadistas e gestores, que nos guiaram até as "lapas pintadas". Durante essas

<sup>3</sup> Nestas idas e vindas do Sempre-Vivas, nunca estive sozinho. Das companhias generosas e voluntárias, não poderia deixar de registrar Ana Carolina R. Cunha, Andrei Isnardis, Bernardo Machado Gontijo, Celiane Souza Xavier, Emerson, Erik Oliveira, Geraldo, Iago, Jurcilei, Lucas M. Soares, Luis H. Montovanelli, Márcio Lucca, Norton Pinto, Resende, Rogério Tobias Jr., Simone Nunes Fonseca, Valteir, Walter e outros que não mediram esforços para o sucesso dos trabalhos.

visitas, inspecionamos outros afloramentos aleatórios pelo caminho e descobrimos novos sítios. Atualmente, cadastramos e estamos estudando onze sítios arqueológicos dentro do Parque. Destes, os sítios Lapa do Morro Redondo 01 (MR01) e Lapa do Morro Redondo 02 (MR02) foram escavados (**FIGURAS 05 e 06**).

As escavações foram conduzidas por níveis naturais, levando em consideração a morfo-dinâmica dos sedimentos locais e a inserção dos materiais e estruturas arqueológicas nos diferentes componentes da estratigrafia, sejam eles de origem orgânica ou mineral, que podem caracterizar práticas culturais (TEIXEIRA e LIMA, 2016, p.124). No sítio Lapa do Morro Redondo 01, abriu-se uma unidade de escavação, e outra foi aberta no sítio Lapa do Morro Redondo 02. As dimensões das unidades de escavação foram de 1m<sup>2</sup>, localizadas estrategicamente em cada sítio, considerando a inclinação da superfície atual (e, projetivamente, dos possíveis pacotes sedimentares), a distribuição dos vestígios de superfície e a presença de estruturas superficiais das ocupações mais recentes (fogões e fornalhas de blocos de pedras, varas de jirau, camas). Foram escavadas ao todo oito camadas de sedimentos, sendo três no sítio MR01 e cinco no sítio MR02.

Durante as escavações, foram coletadas amostras de sedimento por níveis da camada em cada unidade de escavação para obter dados micromorfológicos comparativos. Foram coletadas 12 amostras, incluindo duas do nível 1A do sítio Morro Redondo 02. As análises micromorfológicas das lâminas delgadas ajudarão a entender os aspectos composicionais, as características micromorfológicas dos constituintes, a variabilidade e as similaridades entre as camadas e níveis da escavação.

Entre os vestígios coletados, destaca-se a obtenção de 14 amostras de carvão associadas a estruturas de combustão para datação por radiocarbono (14C). Destas, foram selecionadas seis amostras: duas no Sítio Arqueológico Morro Redondo 01 e quatro no Sítio Arqueológico Morro Redondo 02. As datações obtidas a partir de amostras de carvão indicam ocupações que se estendem dos últimos 60±29 AP até 991±30 AP<sup>4</sup>.

Com esses resultados preliminares, é possível deduzir que os sítios arqueológicos Morro Redondo 01 e 02 foram ocupados por diferentes grupos sociais ao longo do tempo, e, em alguns casos, até o presente. Durante as escavações desses dois sítios, também foram coletados vestígios arqueológicos de contexto histórico, incluindo metais, fragmentos de vidro, vegetais e fragmentos de quartzo lascado por garimpeiros, entre outros (em análise).

Embora ainda seja prematuro discutir profundamente territórios, territorialidades e paisagens, observações empíricas indicam que os abrigos são locais cruciais de interações híbridas entre diferentes ocupações e processos geoarqueológicos. Cada grupo interagiu de maneira distinta nos abrigos, seja através de grafismos rupestres, organização de blocos ou montagem de camas. As fuligens e grafismos sobrepostos nas paredes e tetos, bem como os blocos queimados de fogueiras, mostram que os abrigos foram escolhidos repetidamente ao longo do tempo, servindo como locais de vivência e pontos de partida ou chegada para diversas atividades nas

---

<sup>4</sup> Datações realizadas no Laboratório de Radiocarbono de Vilnius por meio de espectrometria de massas com aceleradores (Accelerated Mass Spectrometry - AMS) para obtenção do teor de carbono 14 das amostras.

serras.



**Figura 5:** Sítio Arqueológico Morro redondo 01. Fotos: Celiane Xavier, Erik Oliveira e Valdinêy Leite.



**Figura 6:** Sítio Arqueológico Morro Redondo 2. Fotos: Celiane Xavier, Erik Oliveira e Valdinêy Leite.

### Considerações Finais

O Parque Nacional das Sempre-Vivas desempenha um papel crucial na conservação da biodiversidade e na proteção dos ecossistemas da Serra do Espinhaço. A gestão e a preservação desse patrimônio natural e cultural são essenciais para garantir que as futuras gerações possam ter acesso a ele.

Este artigo teve como objetivo divulgar a pesquisa realizada no Parque e levantar questões reflexivas sobre a compreensão dos abrigos como locais de "Interações Híbridas" e dos sítios arqueológicos como elementos constitutivos dos Lugares, Paisagens e Territórios. Essa perspectiva possibilita diálogos transdisciplinares entre as ciências e a compreensão de que elementos

culturais e naturais interagem.

A pesquisa prossegue com o objetivo de aprofundar o conhecimento sobre as interações híbridas nos abrigos e entre sítios, ou, ao menos, identificar tendências sobre como ocorreram as ocupações dos Lugares, a formação dos Territórios e das Paisagens ao longo do tempo. Essas informações, tanto quantitativas quanto qualitativas, serão essenciais para a gestão desses sítios e da Unidade de Conservação.

Por fim, este estudo visa fomentar, de maneira construtiva, a discussão com a sociedade, comunidade acadêmica e com os gestores de Unidades de Conservação sobre a conservação, gestão e proteção dos sítios arqueológicos situados dentro ou nas margens (zonas de amortecimento) dos territórios dos parques, que têm sido visitados sem os devidos cuidados.

### **Agradecimentos**

Expressamos nossa profunda gratidão aos gestores e brigadistas do ICMBio/PNSV, com menção especial à Simone N. Fonseca, pelo apoio incansável em todos os momentos. Agradeço também ao IPHAN/MG pela autorização e fiscalização, ao Laboratório de Arqueologia Estudo da Paisagem da UFVJM pelo respaldo institucional e ao Programa de Pós-Graduação do IGC/UFMG, que foi o berço desta pesquisa. Minha sincera gratidão se estende ainda a todos os pesquisadores e colaboradores que me ajudaram nesta caminhada: Lucas M. Soares, Luís H. Montovanelli, Ana Cunha, Erick Oliveira, Rogério Tobias, Celiane Xavier, Márcio Lucca, e aos brigadistas representados por Norton, Geraldo, Nonô, Rafael e outros tantos colaboradores que se revezaram no cotidiano da jornada. Dona Sirley, aos seus sabores, saudades e gratidão. Por fim, especial reconhecimento aos meus orientadores, Bernardo e Andrei, autores e interlocutores desta jornada.

### **Referências bibliográficas**

- ÁLVARES, Clayton Alcarde; STAPE, José Luiz; SENTELHAS, Paulo César; DE MORAES GONÇALVES, José Leonardo; SPAROVEK, Gerd. Köppen's climate classification map for Brazil. *Meteorologische Zeitschrift*, v. 22, n. 6, p. 711-728, 2013.
- ANTROP, Marc. Expectations of scientists towards interdisciplinary and transdisciplinary research. Department of Geography, Ghent University. *Interdisciplinary and Transdisciplinary Landscape Studies: Potential and Limitations*. DELTA Series 2, Wageningen, 2003.
- BAETA, Alenice; PILÓ, Henrique. Arqueologia em Unidades de Conservação na Região de Diamantina – MG. As sucessivas ocupações de suas paisagens e cavidades. *Revista Espinhaço*, [S. l.], v. 2, n. 2, 2013.
- BELARDI, Juan B. Paisajes arqueológicos: un estudio comparativo de diferentes ambientes patagónicos. Oxford: BAR International Series 1390, 2005.
- COLTRINARI, Lylian. Z. Geomorfologia, Geoarqueologia e Mudanças Globais. In: Rubin de Rubin J. C., e Da Silva R. T. (Orgs). *Geoarqueologia: Teoria e prática*. IGPA, Goiânia: Ed. Da UCG. 2008.

Págs. 13-21.

- COSTA, Fábio R.; ROCHA, Márcio M. Geografia: Conceitos e Paradigmas - Apontamentos Preliminares. Revista GEOMAE - Geografia, Meio Ambiente e Ensino. Vol. 01, Nº 02, 2º Campo Mourão-PR. 2010.
- FAGUNDES, Marcelo. PIUZANA, Danielle. Estudo teórico sobre o uso conceito de paisagem em pesquisas arqueológicas. Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez Y Juventud, 8(1), 205-220, 2010.
- FAGUNDES, Marcelo; BANDEIRA, Arkley. M; GRECO, Wellington. S. Paisagem e lugares: considerações sobre a arte rupestre do Sítio Sampaio, Felício dos Santos, Alto Araçuaí, Minas Gerais: uma análise interpretativa. Caderno de Geografia, v.28, n.54, 2018.
- FAGUNDES, Marcelo; GRECO, Wellington. S; BANDEIRA, Arkley. M; ARCURI, Marcia. S. M. Paisagem e suas interfaces em pesquisas sobre arte rupestre: Um estudo de caso em Serra Negra, alto vale do Araçuaí, Minas Gerais, Brasil. Revista de Arqueologia, [S. l.], v. 34, n. 2, p. 74-103, 2021.
- FERREIRA, Denison. da S. Território, territorialidade e seus múltiplos enfoques na ciência Geográfica. Revista Campo-Território, Uberlândia, v. 9, n. 17 abr., p. 111-135, 2014.
- FREMÓNT, Armond. A região, espaço vivido. Coimbra: Almedina, 1980.
- HISSA, Sarah de B. Viana. Dando tempo ao tempo, na arqueologia. Revista de Arqueologia, [S. l.], v. 29, n. 1, p. 188-202, 2016.
- HISSA, Sarah de B. Viana. Sítios históricos em Minas Gerais: algumas reflexões sobre paisagens, territórios e cronopolíticas. Revista de Arqueologia, [S. l.], v. 35, n. 2, p. 154-180, 2022.
- ISNARDIS, Andrei. Entre as Pedras: as ocupações pré-históricas recentes e os grafismos rupestres da região de Diamantina, Minas Gerais. Tese de Doutorado. Museu de Arqueologia e Etnologia da USP. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2009.
- ISNARDIS, Andrei. Lapa, Parede, Painel distribuição geográfica das unidades estilísticas de grafismos rupestres do vale do rio Peruaçu e suas relações diacrônicas (Alto-Médio São Francisco, Norte de Minas Gerais). Dissertação de mestrado, São Paulo, USP, 2004.
- KLUIVING Sjoerd. J; ENGEL Max; HEYVAERT Vanessa. M.A. HOWARD Andy. J. Where earth scientists meet Cleopatra: Geoarchaeology and geoprospection of ancient landscapes. Guest Editorial / Quaternary International 367, 2015.
- KNAPP, A. Bernard. ASHMORE, Wendy. Archaeological Landscapes: Constructed, Conceptualised and Ideational. In: ASHMORE, Wendy & KNAPP, Arthur. Archaeologies of Landscape: Contemporary Perspectives, 1999, p.01-30.
- LINKE, Vanessa. Paisagem dos sítios de arte rupestre da região de Diamantina. Belo Horizonte: IGC/UFMG, Dissertação de Mestrado, 2008.
- MORAIS, José Luiz de. A Arqueologia e o fator geo. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia. São Paulo, Brasil, n. 9, p. 3-22, 1999.
- NAVARRO, Alexandre Guida. Sobre el concepto de espacio. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia. São Paulo, Brasil, n. 17, p. 3-21, 2007.
- ORTEGA, Valcárcel, J. La geografía para el siglo XXI. In: ROMERO, Joan. Geografía Humana. Proce-



- sos, riesgos e incertidumbres en un mundo globalizado (págs. 25-53). Barcelona, 2004.
- PELLINI, José Roberto. Uma Fisiologia da Paisagem: Locomoção, GIS e Sites Catchment. Uma Nova Perspectiva. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*. São Paulo, Brasil, n. 17, p. 23-37, 2007.
- PLANO DE MANEJO. Parque Nacional Sempre-Vivas. MMA/ICMbio. 2018.
- VIDAL Pouey, V.. Geoarqueologia dos sítios paleoíndios na formação sedimentar Touro Passo: processos de formação e perturbação pós-deposicional. *Revista de Arqueologia*. [S. l.], v. 32, n. 1, p. 42-68, 2019.
- PROUS, André. *Arqueologia Brasileira, a pré-história e os verdadeiros colonizadores*. Cuiabá: Archaeo; Carlini & Caniato Editorial, 2019.
- PROUS, André. *O Brasil antes dos brasileiros: a pré-história do nosso país*. Editora: Zahar, 2006.
- RIBEIRO, Loredana. Os significados da similaridade e do contraste entre os sítios rupestres - um estudo regional das gravuras e pinturas do alto-médio rio São Francisco. Tese de Doutorado. São Paulo: MAE/USP, 2006.
- RUBIN, Julio. C. Rubin. de; SOUZA, Marcos. A. Torres. de; BAYER, Maximiliano.; SILVA, Rosiclér. T. da; BARBERI, M. A paisagem como elemento de análise: mesopotâmia dos rios Araguaia e Peixe, Goiás. *Revista Mosaico - Revista de História, Goiânia, Brasil*, v. 13, n. 2, p. 83-101, 2020.
- SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo. Razão e Emoção*. 4. Ed 7ª reimpressão. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, [1996], 2012.
- SANTOS, Milton. *Metamorfoses do espaço habitado, fundamentos Teórico e metodológico da geografia*. Hucitec. São Paulo, 1988.
- SANTOS, Milton. *Por uma Geografia Nova*. São Paulo: Hucitec, Edusp, 1978.
- SAQUET, Marcos. A. *Por uma abordagem territorial*. In: SPOSITO, Eliseu Savério. (Org.) *Território e Territorialidades: teorias, processos e conflitos*. 1ª ed. São Paulo; Expressão Popular, 2009. p. 73-94.
- SARTORIO, Letícia. F.; FRANZ, Juliana. C. A interpretação da cultura na geografia: origem, identidades e códigos culturais. *Caminhos de Geografia, Uberlândia*, v. 24, n. 93, p. 54-64, 2023.
- SCHIFFER, Michael. *Archaeological context and systemic context*. *American Antiquity*, Vol. 37, nº 2. Pp.156-165. 1972.
- PANGAIO Lúcia. F & SEDA Paulo. Serra do Cabral, Minas Gerais: um patrimônio arqueológico e ambiental ainda em busca de preservação. *Seminário Preservação de Patrimônio Arqueológico*. Anais do 4º Seminário Preservação de Patrimônio Arqueológico/ organização: Guadalupe do Nascimento Campos; Marcus Granato — Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins, 2016. Disponível em: <http://site.mast.br/hotsite%5Fanais%5Fivsp/>. Acesso em: 01 de abril de 2025.
- SILVA, Alexandre. C. Solos. In: SILVA, Alexandre. C.; PEDREIRA, Léa. C. Vilela Sá. ALMEIDA ABREU, Pedro. A. (Ed.). *Serra do Espinhaço Meridional: paisagens e ambientes*. Belo Horizonte: O Lutador, 2005.
- SILVA, Fabíola Andréa. *Território, lugares e memória dos Asurini do Xingu*. *Revista de Arqueologia*.

- [S. l.], v. 26, n. 1, p. 28–41, 2013.
- SILVA, Márcio. L.; SILVA, Alexandre. C. Gênese de turfeiras e mudanças ambientais quaternárias na Serra do Espinhaço Meridional – MG. *Geociências* 35 (3), 393-404, 2016.
- SOUZA, Marcos André T. de; RUBIN, Julio C. Rubin. de. *Arqueologia e Paisagem. Revista Mosaico - Revista de História. Goiânia, Brasil, v. 13, n. 2, p. 3–6, 2020.*
- SUESS Rodrigo. C; RIBEIRO, Antonia da Silva S. O Lugar na Geografia Humanista: uma reflexão sobre o seu percurso e questões contemporâneas – Escala, Críticas e Cientificidade. *Revista Equador (UFPI), Vol. 6, Nº 2, p.1 – 22, 2017.*
- TEIXEIRA, Wenceslau. G; LIMA, Ricardo. A. O solo modificado pelo homem (solo antrópico) como artefato arqueológico. In: CAMPOS, Guadalupe do N.; GRANATO, Marcus. (org.) IV Seminário Preservação de Patrimônio Arqueológico. Anais do 4º Seminário Preservação de Patrimônio Arqueológico. Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins, 2016.
- TRIGGER, Bruce G. História do pensamento arqueológico. Trad. Ordep Trindade Serra [revisão técnica. Lucas de Melo Bueno, Juliana Machado] São Paulo: Odysseus Editora, 2004.
- TUAN, Yi-Fu. Topofilia: Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Tradução de Livia de Oliveira. Rio de Janeiro (RJ): Difel, 1980.
- VILLAFANEZ, Emilio. A. Entre la geografía y la arqueología: el espacio como objeto y representación. *Revista de Geografía Norte Grande*, núm. 50, pp. 135-150. Pontificia Universidad Católica de Chile. Santiago-Chile, 2011.
- ZEDEÑO, Maria. N. e BOWSER, Brenda J. The archaeology of meaningful places. In: BROWSER, Brenda J e ZEDEÑO, Maria N. (editors). *The archaeology of meaningful places* (p. 1-14) Salt Lake City, 2009.

Recebido em: 29/12/2024  
Aprovado em: 17/04/2025  
Publicado em: 23/06/2025